



Novos Cadernos NAEA

v. 21, n. 2, p. 93-114, maio-ago 2018, ISSN 1516-6481 / 2179-7536

Giuseppe Antonio Landi: das táticas aventurosas na Amazônia Pombalina à renovação do barroco na Santa Maria de Belém do Grão-Pará

Giuseppe Antonio Landi: from the adventurous tactics in the Pombaline Amazon to the baroque renovation in Santa Maria de Belém do Grão-Pará

Flávio Leonel Abreu da Silveira - Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) e docente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA e Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia/PPGLS/UFPA. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: flabreu@ufpa.br

Resumo

O artigo em questão busca refletir sobre a importância de Giuseppe Antonio Landi (1713-1791) para reconfiguração das feições da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, no século XVIII, no contexto da Amazônia Pombalina. Trata-se de uma reflexão a partir do campo da Antropologia Urbana que considera as transformações das paisagens citadinas mediante as agências do ilustrado bolonhês, que mesclam projetos pessoais a projetos expansionistas na América portuguesa.

Abstract

The article in question seeks to reflect on the importance of Giuseppe Antonio Landi (1713-1791) for the features reconfiguration of the features of Santa Maria de Belém do Grão-Pará city, in the 18th century, in the context of the Pombaline Amazon. It is a reflection from the field of Urban Anthropology that considers the transformations of the city landscapes through the agencies of the illustrated Bolognese, that mix from personal projects to expansionist projects in Portuguese America.

Palavras-chave

Landi. Amazônia. Antropologia Urbana. Barroco. Paisagens.

Keywords

Landi. Amazon. Urban Anthropology. Baroque. Landscape.

À GUIA DE INTRODUÇÃO

A figura instigante do arquiteto italiano Giuseppe Antonio Landi (1713-1791) é de enorme relevância para o cenário amazônico do século XVIII, principalmente para a reconfiguração da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará. No entanto, é preciso considerar as suas agências no Novo Mundo a serviço do Império Português, como “desdenhador” ou “riscador” não apenas a partir de suas vinculações com as artes arquitetônico-cenográficas que transformaram as feições e dinamizaram os caminhos do imaginário na cidade, mas também de seu interesse por coisas relativas à História Natural, ou ainda, pelos seus trabalhos descritivos da fauna e da flora amazônicas, seus experimentos com espécies exóticas, a preocupação com aspectos sensíveis de sua natureza¹.

Neste sentido, Landi detém um lugar *sui generis* no rol dos viajantes que aportaram em terras americanas nos setecentos, como tento demonstrar no breve estudo que apresento ao leitor². As suas contribuições ético-estéticas para o mundo amazônico (e brasileiro) no contexto da colonização impetrada na porção oriental durante o expansionismo luso são de grande pertinência para compreendermos alguns aspectos relativos às feições paisageiras urbanas da cidade de Belém no contemporâneo e do seu entorno, assim como do conhecimento da biodiversidade existente na região.

A leitura que realizo sobre este personagem parte das agências reconfiguradoras que exerceu nas paisagens citadinas de Santa Maria de Belém do Grão-Pará no XVIII, sua presença no contexto do *Mundus Novus* amazônico. Deste modo, emerge e situa-se no corpo de um conjunto de reflexões de caráter etnográfico que venho estabelecendo há algum tempo sobre o mundo urbano de Belém, a partir de suas interfaces com os estudos das memórias, imaginários e paisagens. Sendo assim, se me interessa pelo arquiteto, com certeza o meu olhar não desmerece aquele ligado à figura do naturalista, porque a sua visão de mundo – ilustrada, pragmática, projetada – se consubstancia nas suas experiências

¹ Neste breve artigo apenas menciono o tema que merecerá estudo mais detalhado noutro momento. Por ora indico a leitura de Cassirer (1992, p. 68), que afirma ser a natureza para os iluministas «menos uma classe de *objetos* que um certo *horizonte* do saber, de *compreensão* da realidade».

² Há significativa bibliografia e interessante material iconográfico que merecerá atenção oportuna para a elaboração de outros estudos sobre o autor, mais especificamente no âmbito do projeto que inicio, intitulado: «A cidade de Belém (PA) e seus quatrocentos anos, entre o mito e a história. Olhares diversos sobre as transformações das paisagens belenenses: da simbólica das *imagens* às dinâmicas civilizacionais do espaço-tempo na *Amazônia*», com o qual fui contemplado com a Bolsa de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq no período de 2018-21, a quem agradeço o apoio.

americanas e são fundamentais para as leituras que faço do atual³. Portanto, as ideias que exponho neste estudo se relacionam em parte a situações/reflexões experienciadas por mim no desdobrar do meu ofício de antropólogo que se debruça sobre o mundo urbano brasileiro. Quero dizer que elas se relacionam a certas questões que persigo desde longa data e, por isso mesmo, estão ligadas à minha trajetória de formação neste campo⁴.

Sendo assim, o meu intento neste artigo é o de realizar um exercício reflexivo que busca pensar o contexto oriental do Norte do país – o Pará; a cidade de Belém -, neste caso a partir de algumas questões cotejadas por mim outrora - especialmente sobre a gênese do mundo urbano (ROCHA, 1994) no Brasil - considerando os seus desdobramentos epistemológicos quanto às reflexões tecidas mediante o olhar que lancei sobre a porção austral brasileira. A questão aqui, preciso deixar claro, não é a de tomar uma região pela outra, ou ainda, de reduzir fenômenos socioculturais complexos e heterogêneos envolvendo períodos históricos que se tocam, e mesmo, distintos, a uma espécie de denominador comum, ou mesmo à equivalências, o que seria um ato de violência senão histórica, certamente antropológica, à heterogeneidade cultural brasileira.

Pelo contrário, a tentativa é a de buscar certos nexos em torno da conformação de olhares sobre o Novo Mundo que, parece-me, são capazes de auxiliar na melhor compreensão de aspectos relacionados à (con)formação do mundo urbano no contexto brasileiro como consequência de projetos pessoais e coletivos⁵. Isso tem como fim contribuir para pensarmos as feições paisageiras

³ Tais questões decorrem, ainda, das reflexões elaboradas em minha tese de doutorado (SILVEIRA, 2004) para o contexto das Missões sul-riograndenses. Ou seja, voltei-me aos olhares-viajantes (entre os séculos XVIII e a primeira metade do XX) de maneira a perceber as suas contribuições para o entendimento das configurações das paisagens missionárias no alvorecer do século. Neste estudo considerava a “dialética da duração” (BACHELARD, 1988b) e as potências do imaginário a partir de exercício etnográfico inspirado nos estudos de Rocha e Eckert - que posteriormente seriam organizados na forma de livros (2005; 2013) - para compreender aspectos mais ou menos tensionais nas transformações das paisagens ao longo do tempo, que os interlocutores da pesquisa narravam a partir das labutas e fabulações de suas memórias ao etnógrafo.

⁴ Trata-se, assim, de interesses acerca dos temas das viagens (e seus viajantes), do estrangeiro como figura simmeliana fundamental (SIMMEL, 1983), assim como das tensões aventureiro-aventurosas relacionadas às experimentações de desprendimento dos lugares de origem (SIMMEL, 1989; BUARQUE DE HOLANDA, 1995; JANKELEVITICH, 1989), que alcançam as interações de coletivos humanos com os seus lugares de pertencimento, enfim, com as paisagens e as narrativas associadas a elas, entendidas como expressões memoriais do imaginário que vibram no tempo (SILVEIRA, 1996 ; 2004) e se enraizam nos lugares praticados (CERTEAU, 1994), nas interações entre humanos e não-humanos.

⁵ Aqui, tanto as noções de projeto em Schutz (1979) ou em Gilberto Velho (1987; 1994) são relevantes. Os projetos de impérios no XVIII estão associados às escolhas individuais, de caráter pessoal cujas implicações são relevantes à expansão de impérios, à consolidação de processos civilizadores (ELIAS, 1993) com desdobramentos heterogêneos na conformação do povo brasileiro (RIBEIRO, 1995), de como se comporta com o mundo da rua e o da casa (DAMATTA, 1997), enfim, como lida com hierarquias e a cidade, por exemplo .

da moderna metrópole brasileira no contexto amazônico ao longo do tempo, e, em consonância com a definição de fronteiras simbólicas de caráter geopolítico (e, nestes termos, ideológicas) em contínua reconfiguração quanto às fulgurações imaginárias em torno da ideia do gigantismo das formas do vivo e a diversidade nela envolvida; por exemplo, na contínua elaboração contraditorial de suas manifestações e contornos estéticos e, portanto, urbanísticos, ao longo do tempo, quanto aos jogos de poder estabelecidos e às facetas da opressão que emanam de culturas do terror (TAUSSIG, 1993). Entenda-se estas como imbricadas no espaço-tempo de lugares na Amazônia, de descontinuidades da duração quanto à conformação de paisagens praticadas.

Por outro lado, as reflexões que me proponho a realizar neste texto têm relações diretas com a participação como avaliador na banca de defesa da tese de Elna Trindade (2017)⁶. Com isto quero dizer que minhas ponderações sobre Landi possuem reverberações diretas nos diálogos que estabeleço com certa comunidade de linguagem à qual pertenço no Norte do país. Nestes termos, deixo claro que o artigo em questão tomou impulso a partir de temas que vinha refletindo à época, e que a leitura do trabalho intitulado «O desenhador de Belém: Antônio José Landi e o movimento das imagens na Amazônia Colonial (1753-1791)», contribuiu para um melhor entendimento, já que as inquietações da autora sobre o ilustrado bolonhês e seu mundo tocam algumas questões de meu interesse sobre a cidade de Belém.

Meu diálogo com os autores se dá por intermédio do campo antropológico, mais diretamente pela perspectiva dos estudos da Antropologia Urbana e de suas interseções com os temas que persigo - a memória, o imaginário, as paisagens -, portanto, as considerações que estabeleço aqui são tributárias, em parte, das minhas pesquisas no campo antropológico sobre tais matérias. Além disso, o artigo surge como uma forma de contribuir com as reflexões sobre a presença daquele ilustrado no contexto da Belém pombalina.

1 DOS ANOS BOLONHESES AO NOVO MUNDO

A tese de Elna Trindade (2017), no meu ponto de vista, tem o mérito de mostrar por meio de um percurso realizado pela cidade de Bolonha atual,

⁶ Agradeço a Elna Trindade e a Aldrin Figueiredo (orientador) pelo convite para participar da banca de tese, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, na Universidade Federal do Pará (UFPA). Sendo assim, o artigo em questão é uma tentativa de diálogo com a sensibilidade intelectual da autora sobre a figura de Landi, constituindo-se numa interação direta com a sua tese e alguns autores que se voltam ao tema «Landi».

o quanto a força das imagens landianas no mundo amazônico reverberam numa constelação de imagens plurais que vibram hodiernamente na cidade histórica italiana e, por certo, na cidade de Belém. Narrar o percurso de Landi, contextualizando o meio de onde o seu gênio emergiu, portanto, situando-o no universo bolonhês (e europeu) permite ao leitor compreender não apenas quem foi Landi no cenário intelectual da época, mas acima de tudo entender o universo ético-estético de onde as potências das imagens landianas afloram como expressões de sua inteligência sensível, de sua perspicácia empreendedora, enfim, de sua sabedoria em negociar com as diversas formas de poder instituídas e, a partir daí de avaliar um «campo de possibilidades» que se apresenta ao seu espírito aventureiro, constituindo-se num projeto de vida na Amazônia.

O *Racolta*, por exemplo, o álbum de reproduções das imagens arquitetônicas da cidade de Bolonha confeccionado pelo jovem Landi é, na realidade, um banquete de imagens barrocas que abrem as suas portas para a Academia Clementina, considerada uma das mais altas instituições voltadas à produção de saberes iluministas no contexto italiano naquele período, acumulando uma longa tradição quanto aos conhecimentos sobre as Artes e a Ciência da Arquitetura, mas também no campo da chamada História Natural. Percebe-se, assim, que a sua feitura prepara o seu olhar para o que viria a ser a sua empreitada americana na segunda metade do XVIII no *Mundus Novus*, mais especificamente na porção boreal da América do Sul.

Nestes termos, o trabalho «arqueológico» que a historiadora imprime a sua pesquisa, portanto, envolve os seus percursos e deambulações pelas ruas da cidade natal do arquiteto, indo ao encontro das edificações cujas imagens constituem o acervo do referido álbum. Se pensarmos com Geertz (1989), percebe-se que ter estado lá permitiu à autora estar aqui – na cidade de Belém - com um olhar muito mais aguçado acerca da obra landiana, pois foi capaz de perceber *in loco* onde o seu gênio emergiu como sensibilidade oriunda (e representante) de um universo ilustrado, mais especificamente no contexto da referida academia, como espaço pedagógico formador de pensadores/profissionais com abordagens teóricas novas, contemporâneas à época, que não apenas estavam renovando a arquitetura, mas proliferando o seu banquete de imagens no velho continente sob nova feições.

A Bolonha de Landi é um centro eclético, moderno, onde vibram as ciências e as artes. Trata-se de um lugar no qual a arquitetura é uma espécie de reverberação da epifania cidadina, entendida como uma espécie de *axis mundi* em oposição a Roma, outro eixo do mundo italiano e europeu, centro detentor de trajetórias intelectuais e estéticas distintas. A cidade tem um brilho próprio

e Landi é uma de suas fulgurações. Ora, o *Racolta* é seu prêmio à cidade que ama, mas uma aposta na propaganda ilustrada em franca expansão em épocas de *Grand Tour* (CORBIN, 1989; URRY, 1992), diante de modas ligadas ao deleite estético – a Itália à época era um destino consagrado entre os viajantes ilustrados. Enfim, liga-o aos primórdios da experiência de evasão turística, naquele momento associada ao jovem aristocrata que viajava acompanhado de seu preceptor: o seu álbum é, na realidade, um guia ao viandante que percorre o mundo urbano bolonhês. Landi era muito moderno: suas aspirações vinculam-no à globalização cultural e econômica em pleno dinamismo das formas urbanas altamente elaboradas num centro importante de produção de conhecimento europeu da época.

Então, percebe-se pela sua formação que Landi estava imerso nas múltiplas figurações do Barroco, numa Modernidade que tanto fala de avanços no conhecimento científico como revela as visões de mundo de um período de globalização que se intensifica, apontando para as novas reconfigurações da geopolítica planetária. De Bolonha é possível vislumbrar o fluxo das imagens que se assentam na Amazônia, metamórficas, pela capacidade criativa de Landi estetizar o Novo Mundo, de reordená-lo urbanisticamente. As figurações memoriais do patrimônio urbano evocadas pelo *Racolta* podem, assim, ser retraçadas nos percursos do arquiteto na cidade europeia, e mostram como estas imagens ao serem assimiladas por ele se acomodaram no seu ser – diria que constituem o mundo sensível que impulsiona a sua intencionalidade estética -, e que mais tarde se assentariam transfiguradas nas suas errâncias amazônicas, como expressões imaginárias de suas releituras acerca do mundo urbano no contexto amazônico.

É justo pelo ato de lançar-se ao *Mundus Novus* que Landi instaura um movimento das imagens que é muito singular⁷ no contexto dos viajantes que visitaram (e permaneceram) no que hoje compreendemos como Brasil, e que segue o seu próprio ímpeto de lançar-se ao novo, à busca pelo diverso de si – no sentido do seu mundo – rumo à América do Sul. A movência das imagens a partir da potência de suas evocações plurais implica certas constelações – aqui,

⁷ Aqui me distancio em parte da leitura warburgueriana de Elna Trindade (2017) sobre o tema, uma vez que sigo uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica mais ligada às potências das imagens que aderem a certas estruturas antropológicas do imaginário – e, daí a sua convergência e formação de constelações de imagens, portanto, com reverberações no sensível da vida social, entendido também como imaginário (SANSOT, 1979; 1983). Se tal abordagem tem vinculações diretas com o pensamento de Gilbert Durand (1989), não estão distantes da sua linhagem que vai de Gaston Bachelard a Henri Corbin, como figuras de vulto em torno da relevância do tema em torno da imagem (da imaginação e do imaginário, também), mas que alcança Michel Maffesoli (1996), por exemplo.

muito mais no sentido de suas fulgurações transplantadas e reordenadas no solo americano - que mais que arquétipos envolvem esquemas de pensamentos que se desdobram numa simbólica das imagens míticas porque modernas. É do mito moderno das luzes e do progresso conduzido às terras ignotas que isto se refere: um projeto moderno ligado ao mito de fundação de um novo mundo ao qual Landi não apenas adere às imagens, mas introduz a seu modo nuances muito próprias à sua visão de mundo, como um projeto de vida na zona equatorial.

Há uma rítmica nem sempre linear nas movimentações que Landi realiza no Novo Mundo, e isto parece ser próprio das experiências de aventura nas quais se lança, às formas como joga o social. Isto expressa a sua inquietude diante do mundo e desdobra-se nas agências que (re)definem trajetos diante dos campos de possibilidades (VELHO, 1994), que se abrem ou fecham ao nosso herói. Sua sensibilidade se manifesta, parece-me, por intermédio de um barroquismo que o coloca no jogo enquanto um sujeito que percebe o mundo por uma perspectiva muito própria: seja pelas imagens que carrega consigo e reconfigura na cidade de Belém – ou na futura Barcelos (AM) -, a partir de suas intervenções efêmeras ou duráveis nas paisagens, e mesmo nas suas errâncias pelos lugares que o levam a interagir tensionalmente com o “grupo de engenheiros” da expedição, ou com as formas vivas de maneira intensa e sutil – como aparece nos seus comentários e posições no códice descritivo sobre a fauna e a flora local, que não raro tocam em questões relativas aos habitantes da região, por exemplo.

Landi é uma *persona* idiossincrática, um indivíduo moderno e urbano como os demais integrantes da expedição, todavia, tratar-se-ia de um homem de gênio num sentido amplo. Há sutilezas pelas quais a sua “imaginação criadora” manipula/opera o acervo de imagens que detém como arcabouço em sua formação de arquiteto/cenógrafo/naturalista/astrônomo/cartógrafo, ou mesmo, de seu temperamento crítico, que parece ter muito claro os limites entre o público e o privado na construção de si⁸, não raro parecendo avaro e, por isso mesmo, individualista -, como indicam as primeiras leituras que Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês do Pombal, e governador e capitão-general do estado do Maranhão e Grão-Pará, realizou daquele que se tornaria mais tarde seu amigo, mostrando novamente que Landi sabia negociar e reverter o jogo social presente nas malhas do poder.

⁸ Enquanto arquiteto Landi opera com a tensão entre os universos público e privado constantemente: ele arquiteta casas, palácios/palacetes e igrejas que redefinem o urbano na Amazônia, e desta forma contribui para as configurações de um processo civilizador (ELIAS, 1993) na zona equatorial.

O bolonhês, expoente das artes arquiteturas e cenográficas – dileto dos Bibiena⁹ - se insere no contexto amazônico por intermédio do esforço de expansão geopolítica e administrativa portuguesa sob domínio pombalino nos setecentos. Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês, tinha um projeto para a região. Tal projeto se não estava totalmente claro, por certo, se delineava a partir do melhor conhecimento do potencial econômico da região - ligado aos recursos disponíveis e exploráveis -, bem como da índole da gente que nela vivia, enfim, da efetivação de um plano civilizador na e para a zona equatorial americana como uma questão de geopolítica colonial.

Neste sentido, a escolha por Landi e os demais colegas da expedição de delimitação das fronteiras entre os reinos de Portugal e Espanha pelo governo luso, sob a égide do Tratado de Madrid, não foi nada fortuita, como se sabe. Os profissionais foram escolhidos a dedo para aquela empreitada porque não representavam maiores perigos aos interesses portugueses por serem considerados oriundos de reinos amigos, ou simplesmente porque representavam à época parcela importante da inteligência europeia, que poderia estar a serviço da Coroa Portuguesa na desconhecida Amazônia. Landi se encaixava perfeitamente em certo perfil, pois tratava-se de conduzir ao *Mundus Novus* todo e qualquer indivíduo com aptidões em determinados campos do saber e que se constituiria em «um súdito capaz no Vale Amazônico» (KETTLE, 2010), pelas suas contribuições preciosas acerca de um melhor entendimento daquele universo pouco explorado que se abria aos interesses imperialistas na reconfiguração do globo levada a cabo no XVIII.

1.1 MAS O QUE LANDI TEM A VER COM OS *SIETE PUEBLOS DE LAS MISIONES*?

A princípio Antônio José Landi não tem nenhuma proximidade com a porção austral americana, e sequer visitou esta região, pois jamais saiu da Amazônia até o seu falecimento em 1791, em Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Acontece que as escolhas de Landi que definiram a sua trajetória de vida no contexto americano estão atreladas à expedição demarcatória do limites setentrionais das possessões lusas e hispânicas que afetaram diretamente a região platina. O Tratado de Madrid que suplantaria o de Tordesilhas redefiniu a geopolítica americana. Sabe-se que este acordo transformou as feições americanas quanto às fronteiras luso-hispânicas, com gravíssimas consequências para o contexto civilizacional jesuítico-guarani naquela região americana.

⁹ Refiro-me a Fernando Galli de Bibiena e sua família de ilustrados, sendo aquele mentor de Landi na cidade de Bolonha (PAPAVERO et al., 2002; TRINDADE, 2017).

A derrocada dos *Siete Pueblos* e a sua anexação forçada às possessões portuguesas produz a ruína do que representava à época a gênese do mundo urbano austral entre o XVII e o XVIII - consubstanciado tanto nas edificações barrocas quanto no traçado das cidadelas espanholas presentes nas Missões Jesuíticas. A ruína desta « empresa » desdobra-se no florescimento, no norte do Brasil, do projeto iluminista de cidade na zona setentrional brasileira, que terá na Santa Maria de Belém do Grão-Pará uma de suas expressões mais acabadas de fixação do imperialismo expansionista luso na colônia americana.

Ora, no âmbito das regiões situadas ao oriente do rio Uruguai, na porção austral americana, as negociatas palacianas ibéricas ao instituírem o Tratado de Madrid como política internacional voltada à América do Sul dariam novos sentidos às fronteiras, arrasando a experiência civilizacional jesuítico-guarani de matriz hispânica que se desenvolvia como um conjunto de expressões formais de certo barroquismo que sincretizava e mestiçava imagens no subtropical, ao mesmo tempo em que produzia conjuntos paisagísticos urbanos em pleno pampa, junto às bacias hidrográficas onde abundavam as florestas da Mata Atlântica na região noroeste do que se conhece hoje como o Rio Grande do Sul.

Os desdobramentos simbólico-práticos da violência física e simbólica impetrada sobre os *pueblos* na forma genocida das Guerras Guaraníticas (1753- 56) foi a derrocada dos *Siete Pueblos de las Misiones* como processo civilizacional *sui generis* no continente americano. Nestes termos é possível perceber que destruindo violenta e arrogantemente um mundo – tanto na sua dimensão utópica quanto concreta -, os imperialistas do XVIII possibilitaram a contrapelo o surgimento de outra dinâmica sociocultural pela (re)configuração de ruínas. Paradoxalmente, as ruínas engendraram um novo mundo na América Barroca Austral, pois, da fratura e desmantelamento de uma experiência, emergiram expressões bárbaras e turbulentas de um novo mundo marcado pelas constantes tensões ligadas às vicissitudes de viver no lugar (SILVEIRA, 2011). Dali emerge o que refiro como sendo o barroco gauchesco-missionário sob as feições de uma civilização guasca, onde o gaúcho como mestiço cultural constitui as paisagens campeiras.

O que parece evidente é que o Tratado de Madrid que destruiu este mundo reconfigurou outro, fornecendo, por intermédio de ações negadoras da alteridade missional jesuítico-guarani novos contornos paisageiros às fronteiras luso-hispânicas naquela área. O gênio escolástico do também italiano Gian Batista Primoli, consubstanciado no Barroco Clássico, referido à catedral do *Pueblo de San Miguel* inspirada na Igreja de Gézu, em Roma, encontra mais tarde, tensionalmente, o seu duplo inverso na figura de outro italiano (e bolonhês) que é Landi na Santa Maria de Belém do Grão Pará, por meio de um “projeto político”

ao qual o seu projeto de vida aderiu com autonomia. Tudo isto para dizer que o barroco nosso está aí exigindo estudos que nos ajudem a compreender as suas reverberações no Brasil contemporâneo, desde as diversas tensões com o Velho Mundo a partir de formas de colonização impetradas na Amazônia oriental, por exemplo.

2 LANDI NA AMAZÔNIA: UM ILUSTRADO NA ZONA EQUATORIAL

Quando leio o vasto e heteróclito material produzido sobre a figura de Landi, entre tantas questões que a sua trajetória de vida suscita, por certo uma me intriga mais diretamente: quais teriam sido as motivações que o fizeram abandonar o prestígio alcançado na cidade de Bolonha como arquiteto junto à Academia Clementina para se lançar ao Novo Mundo? Parece-me relevante pensar sobre os motivos pelos quais ele abandonou a sua carreira promissora de «cadeira-número», considerando-se que havia atingido uma posição invejável na sociedade bolonesa da época, pois alcançara uma vida relativamente tranquila em termos econômicos e bem situada dentro dos cânones intelectuais no contexto italiano.

Ora, tanto os trabalhos agrupados na obra *Amazônia Felsínea* (1999) quanto a tese de doutorado de Elna Trindade (2017) dão pistas interessantíssimas para pensarmos as suas motivações – com base nos sólidos registros historiográficos, no material compilado em arquivos e museus por diversos autores – a partir do campo socioantropológico¹⁰. Aqui, preciso deixar claro que a minha perspectiva sobre a *persona* singular do nosso herói se dá a partir de uma etnografia de texto que estranha, e considera, tanto os relatos e as iconografias produzidos por atores sociais diversos no XVIII – portanto, o conteúdo expresso pelo olhar-viajante – como, também, dos inúmeros memorialistas/cronistas/pensadores oriundos de diferentes campos do saber interessados neste personagem curioso, por exemplo.

Se pensarmos na sua trajetória pessoal e nas vicissitudes de sua vida, no sentido de como delineou o seu percurso de maneira e exercer as escolhas que se apresentaram a ele diante de um campo de possibilidades, vislumbramos que o acadêmico italiano alcançou o seu projeto. Landi, ao longo do seu percurso soube aproveitar muito bem o que se oferecia a ele como oportunidades de atingir os seus objetivos. O homem realizou as suas escolhas diante de um leque de opções

¹⁰ Neste estudo deixo claro que o meu interesse pelo mundo urbano, mais especificamente pela via de uma Antropologia Urbana segue, em parte, uma matriz de pensamento alemã (GEORG SIMMEL, 1983; ALFRED SCHUTZ, 1979; WALTER BENJAMIN, 1980), a qual aproxima às reflexões de Gilberto Velho (1987; 1994), Ana Rocha e Cornelia Eckert (2005), quanto à figura do homem sensível que tanto reverbera em Marcel Mauss (1974) quanto nas estruturas antropológicas do imaginário, que segue uma linhagem bem evidente no pensamento francês como indiquei anteriormente.

que só poderiam se abrir como horizontes do possível, a partir de um saber-fazer pautado no estudo metuculoso e na competência de seu ofício, assim, método, observação atenta e reflexão sensível deram-lhe condições para obter um lugar de prestígio acadêmico, aliás o que parece ter experimentado desde Bolonha.

Fica claro que ao construir relações pautadas na sua competência, o bolonhês ilustrado inteligentemente desenhou suas interações pessoais, estéticas, político-econômicas, da mesma forma que concebeu esboços e desenhos que abriram caminhos por entre os labirintos do poder, de uma sociedade acadêmica e de corte que se admirava com a sua genialidade. Nestes termos, tudo indica que a cidade já lhe dera o que aspirava, pois o reconhecimento havia sido conquistado e, naquele momento de sua vida era necessário apenas dar continuidade ao que começara. No entanto, o Novo Mundo apresentava-se como um horizonte desejável: de riqueza, na medida em que Pombal lhe oferecia isto, mas muito mais do que dinheiro, talvez aspirasse outras conquistas mais saborosas ao seu apetite aventureiro.

A América do Sul era o lugar onde o seu nome poderia permanecer vivo na história de um *novo mundo* de possibilidades existenciais, no sentido de um lugar de vivências jamais experimentadas por ele no contexto europeu. E neste seu propósito ele parece ter tido uma inteligência extrema já que construiu táticas¹¹ para jogar com o poder português, pois tratava-se de um esteta cuja habilidade conduziu-o à América do Sul pelo efeito barroco da sedução das imagens que manejava com destreza, pelo caráter ilusório e sensível da imagética que mobilizava. Ele inscreveu seu nome como um sábio versado em diversos conhecimentos, que engendrou marcas nas paisagens urbanas de Belém que são reconhecidas pelo

¹¹ Há certa leitura acerca de Landi que o percebe como uma espécie de estrategista, no entanto, me distancio de uma visão como esta. Não concordo com ela pelos seguintes motivos: ancorado no estudo de Trindade (2017) e realizando uma leitura de Landi a De Certeau (1994), penso que ele era muito mais um «tático», porque se almejava a riqueza, ou mesmo que o seu nome durasse no tempo, tudo isso, parece-me envolvia formas de lidar com o poder absolutista de Pombal de maneira a realizar um projeto de vida desenhado por Landi, como tática de ascensão em meio ao imperialismo português, jogando com ele, burlando-o a sua maneira. Aqui, o campo de possibilidades ou o projeto se encontram no devir de Landi pelo mundo colonial, nas suas derivas amazônicas. Portanto, cair nas graças de Pombal não significava comer nas mãos do poder necessariamente, mas indicava que o nosso herói sabia jogar – a ideia de *iludere* aqui emerge como uma expressão barroca de jogar com o duplo, com as perspectivas – enfim, o italiano sabia lidar com ele [o poder] criativamente, como uma espécie de artesanía referida ao construir-se como pessoa moderna no mundo ao mesmo tempo em que contribuía para edificá-lo na Amazônia, com certo grau de autonomia. Mais do que um estrategista ele era um tático que jogava com o poder instituído, e como um estudioso projetava e manipulava imagens e cenários, enfim, tratava-se de um « ilusionista » (OLIVEIRA, 2016) que fazia do barroco a sua arte de viver no *Mundus Novus* a partir das formas como a sua imaginação criadora (BACHELARD, 1988a ; 1988b) experimentava e trabalhava a matéria no ato de reconfigurar a cidade na Amazônia, mediante as suas perspectivas ético-estéticas.

seu importante valor histórico e estético até hoje, e que vão desde a presença das mangueiras¹² à monumentalidade arquitetônica de suas obras.

Então, quando se pensa na figura de Landi é preciso ligá-la à linhagem a que pertenceu no contexto italiano, o que implica considerar os movimentos que produziu em sua trajetória de vida, seu percurso profissional que mostram os complexos entrelaçamentos entre estilos arquiteturais/formismos, pessoas/mestres e suas obras/edificações, de maneira que o leitor entenda de onde Landi, precoce, instigado, ambicioso, emergiu como pessoa no mundo que desenha um projeto de vida na América Portuguesa. Portanto, os Bibiena eram apenas um espelho que a admiração pombalina refletiria na Bolonha da época, de onde Landi se via como um sujeito que aspirava mais do que aquela vida cidadina burguesa.

Landi talvez tenha experimentado duas questões sobre o tema da aventura que vale a pena considerar: 1) a primeira surge da luta contra o aborrecimento e, mesmo o tédio, como indica Vladimir Jankelevitch (1989) quando pensa na aventura como uma possibilidade de se lançar ao novo, ao incerto das experiências vividas; 2) a outra surge quando Georg Simmel (1983) menciona a tensão entre a força de estar seguro em determinado contexto e a sorte de desprender-se dele, o que impele o nosso viajante a buscar novas ou outras seguranças envolvendo-se, assim, num vir a ser aberto por um campo de possibilidades que se apresenta como horizonte a ser explorado vivencialmente, por isso uma aposta ao inseguro como expressão do gênio do homem aventureiro, pelo gosto de se lançar ao inesperado, de correr riscos. Nestes termos, Giuseppe Landi reúne os fenômenos simmelianos do estrangeiro e da aventura, como expressões formais de agências ligadas ao si mesmo no mundo ético-estético na Amazônia que ajuda a construir simbolicamente, a partir de suas relações com a outridade mestiça luso-brasileira mediante a sua inserção engajada naquelas paisagens.

Se o estrangeiro parece ser a figura que caotiza as fronteiras culturais, tensionando as relações entre próximo e distante, entre objetivo e subjetivo, interno e externo é porque ele não só representa aspectos simmelianos da «tragédia da cultura» e suas vinculações com a circulação do dinheiro, aliás, questão bastante moderna, como indicam as tremendas complicações em torno das noções de indivíduo e de pessoa neste contexto de fluxos de bens e sentidos em plena globalização cultural e econômica, como é o caso do século XVIII. Landi traz tudo isto sob a égide da aventura, de um lançar-se consciente ao desconhecido no Novo Mundo.

¹² Sobre a importância de Landi na introdução das mangueiras no contexto paraense ver Airoza (2010).

Para Simmel o aventureiro é um místico, um jogador, um conquistador, enfim, um homem de gênio. Daí, então, que considerar as idiossincrasias de Landi como *persona* é entendê-lo enquanto alguém movido pela inquietude e, sendo assim, como um homem mais desprendido que apegado às coisas e lugares de origem, ainda que possuidor de ambições e aspirações envolvendo sucesso econômico e pessoal, imerso nas vicissitudes do vivido e do porvir.

Foi o prodígio de Landi que o trouxe ao *Mundus Novus*, da mesma maneira que já o havia consagrado em Bolonha, que abandona no ano de 1750. Landi ambiciona muitas coisas, por certo, mas acima de tudo o *novo mundo* que ele ajudou a construir na Amazônia urbana, contribuindo com as feições arrojadas de seu projeto civilizacional e de expansão lusa voltada à ocupação de um território sul-americano de enormes proporções e jamais visto até então naquele contexto.

3 AS AGÊNCIAS DE LANDI: SUAS FULGURAÇÕES NO MUNDO URBANO CONTEMPORÂNEO DE BELÉM

As sutilezas do mundo intelectual de Landi e as linhagens acadêmicas a que se filiava - desdobradas em imagens, perspectivas e barroquismos - vão ser transpostas criativamente para o meio amazônico: ele carrega consigo um universo imagético de muitas ordens e sensibilidades que se assentam no lugar a partir de uma maneira bastante pessoal de ressignificá-las num contexto outro. A sua inteligência sensível, nestes termos, alia a observação atenta ao mundo no qual se insere pela via do seu registro (afinal, era desenhador de bichos e plantas, cartógrafo e até certo ponto entendido de astronomia) e mediante a introdução de perspectivas estético-científicas que (re)criam paisagens e redefinem as feições citadinas da Belém da época a partir de seus projetos arquitetônicos.

O atual bairro da Cidade Velha figura como um conjunto de paisagens-marca (BERQUE, 1998) de Landi, onde inscreveu por intermédio de suas edificações a sua sensibilidade arquitetônico-cenográfica e contribuiu para a conformação das feições urbanas, influenciando no traçado da cidade sob domínio luso. As paisagens landianas duram, mais ou menos preservadas, em lugares distintos da cidade e atestam a amplitude do projeto luso, mas também a inserção de Landi como profissional e cidadão que pratica a cidade que adotaria como sua a partir de então. Aliás, não seria um exagero afirmar que com Landi não apenas as feições citadinas se transformam, mas que acima de tudo configura-se a gênese do mundo urbano na sua expansão iluminista para além do *axis mundi* que representava o Forte do Presépio e a chamada Feliz Lusitânia com seu traçado primordial e suas edificações religiosas barrocas no contexto paraense.

A presença ativa de Landi na cidade de Belém, especialmente quando a pensamos numa longa duração, implica ponderarmos sobre os complexos (des) caminhos do processo civilizador que ocorreu na Amazônia: as suas dimensões simbólico-práticas no que concerne ao (re)desenho do mundo urbano belenense, onde Antônio José Landi tem um papel axial na consolidação de uma estética ligada à monumentalidade das edificações que legou à cidade e ao país. A sua imagem está aderida a certas transformações espaciais e à reconfiguração das feições paisageiras urbanas de Belém dos setecentos que duram até hoje, vibrando como figuras do espírito de uma época, quicá de um tempo, para me aproximar do pensamento benjaminiano.

Por outro lado, a minha leitura das paisagens como um devir de formas, ou de formismos, cujos conteúdos se combinam e se tensionam nas e pelas fulgurações paisageiras oriundas do gênio humano (envolvendo formas diversas de agenciamentos e de proliferações de imagens dialéticas ou não), que configuram lugares e cenários com espessuras espaço-temporais distintas enquanto expressões das fácies urbanas, deve-se especialmente ao pensamento cubano sobre o Barroco – José Lezama Lima (1981; 1988) e a aborgagem da forma como devir aliada a força da *imago* que reverberam no devir em Simmel (1970), por exemplo - e de Severo Sarduy (1988) quando penso na elipse e na perspectiva, mas também de Néstor Perlongher (1997) com sua antropologia urbana e poética neobarrosa castiçada, ou mesmo ao equatoriano Bolívar Echeverría (2000) que evoca um ethos barroco, todos estão de alguma maneira presentes na minha leitura do «barroco nosso» edificado por Landi na Amazônia, como forma de transculturação (ORTIZ, 1991).

No meu entender tais fulgurações barrocas¹³ vibram como sutilezas paisageiras no mundo amazônico (e quicá nos seus horrores), por isso certa imagem da potência ético-estética da urbe como quadratura para os formismos sociais, como angulações/pontilhados/curvaturas culturais que seriam próprias a um processo civilizador *sui generis* na Amazônia Paraense, que o bolonhês ajudou a engendrar como dimensão formal de sua arquitetura aderida ao gigantismo das formas próprias às florestas equatoriais, às suas descrições acerca das bizarras heterodoxas de sua fauna exuberante. O trabalho do arquiteto-desenhador explode em barroquismos, em volteios sensíveis que demonstram a proliferação da simbólica das imagens no XVIII justo pelo movimento da imagética landiana que se assenta na zona equatorial luso-brasileira e se estende à hermenêutica que realiza das paisagens locais.

¹³ É preciso incluir também as reflexões de Michel Maffesoli (1996) sobre o tema do barroco.

É preciso pensar a obra arquitetônica landiana na cidade de Belém através das tensões sempre presentes entre uma Antropologia *da* cidade, no sentido macrosociológico e das composições formais da arquitetura que duram no tempo, por isso, patrimonializáveis, e à Antropologia *na* cidade que considera a dimensão micro e os formismos sociais que re-situam/redefinem a simbólica das imagens arquiteturais, também no devir temporal nas suas aderências à vida vivida. Os movimentos de Landi produzem veiculações de imagens intercontinentais expressivas, e por isso mesmo instauradoras de processos civilizacionais complexos, cujas temporalidades reverberam certas convergências – e aqui a ideia de convergência de imagens durandianas (1989) é uma dimensão das conformações espaço-temporais aderidas à gênese do mundo urbano no Brasil, ou às cidades amazônicas pelos seus desdobramentos enquanto dimensões civilizacionais no Novo Mundo, desde a sua efervescência no contexto colonial, vinculando-as a um «trajeto antropológico».

A minha questão aqui envolve o fato de que, parece-me, devemos pensar a movência das imagens landianas na Amazônia mediante a evocação das imagens bolonhesas como esquemas sensíveis presentes na readequação simbólica que o arquiteto realizou transcriativamente em Belém. As constelações de imagens no Mundo Novo enxameiam porque Landi é um veículo (inquieta, inteligente, sensível) das potências do imaginário na sua exuberância barroca, que ele, e somente ele, proliferou imagetivamente na Amazônia de uma maneira tão original, mas com « depurações » como diria Leandro Tocantins (1969). Landi vai introduzir certos efeitos cênicos, cenográficos, perspectivas, enfim, ele traz novas possibilidades de barroquismos para a Amazônia e, mais que isto, ele transcultura as formas européias. No meu ponto de vista tratava-se de um grande transculturador.

Não concordo muito com a leitura de Mary Louise Pratt (1999) para a noção de transculturação, a partir do cubano Fernando Ortiz. Penso que ela injeta até certo ponto uma leitura empobrecedora do fenômeno por intermédio de uma visão radicalizante oriunda dos Estudos Culturais, palperizando o que é mais complexo no fenômeno da viagem de pessoas e ideias nos séculos passados. Um sujeito como Landi ainda que venha movido por uma viagem cosmográfica (de conquista-colonial), de redefinição geopolítica não vem mobilizado, necessariamente, por desejos de rapina, diferentemente de outros. Neste sentido estou mais próximo de Luciana Martins (2001), quando a autora analisa o olhar britânico dos viajantes sobre o Rio de Janeiro do século XIX, de maneira mais parcimoniosa e menos marcada por assimetrias imperialistas. Longe de mim negar a existência de um colonialismo mesquinho capaz de oprimir o *Outro*, mas

é preciso separar o joio do trigo. Vamos à Landi, e aqui me inspiro, parcialmente, em Trindade (2017):

1. O processo de assilação-acomodadora das imagens bolonhesas efetuado por Landi já é, no meu ponto de vista, uma forma de mimesis criativa das imagens italianas – e aqui os paradoxos são criativos, como indica Durand - não só porque são bolonhesas mas porque ocorrem, de certa forma, na oposição/competição com àquelas de matriz romana, oriundas de um centro que se colocava contrastivamente a Bolonha. Portanto, perspectiva estética que ele precisava conhecer para saber quais são as diferenças e similitudes entre ambas. Neste termos trata-se de uma forma manifesta do princípio transculturador mobilizado por sua inteligência sensível;

2. Landi permanece três anos em Lisboa. Ali o seu gênio novamente labuta. Ele, na sua condição ambígua de estrangeiro, interage, observa e estuda a cidade. O bolonhês transcultura a arquitetura joanina que aplicará na Amazônia, mais, ele transcultura pela via portuguesa o rococó francês trazendo junto com o *barocchetto* bibienesco novos elementos. De certa forma ele transcultura a transculturação joanina. É brilhante! Tocantins (1969) indica que ele transcultura o Novo Mundo diante da movimentação das caravelas no Tejo, em plena globalização de imagens e sentidos, de coisas, o que me parece muito plausível;

3. Como se não bastasse ele reconfigura tudo isto enquanto um processo de transculturação radical na Amazônia. É por isso que me parece ser a sua arquitetura até certo ponto inclassificável. Aqui ele tem liberdade criativa para romper certos cânones, ou de redefini-los à luz do mundo equatorial, ele « cozinha » tudo isto no caldo prolífico americano, mistura, faz citações, abrindo-se às formas paisageiras amazônicas. Sim, ele segue os desejos de poder pombalino, mas cria táticas criativas para burlá-los no sentido de achar o seu caminho pessoal, ou mesmo, autoral. Além disso ele vai se acaboclar: a sua presença nas irmandades é um exemplo, a sua cenografia festiva barroca. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é, de certa forma, um construto de Landi com a «ralé», com o devir negro, também, acaboclado no contexto amazônico.

No meu ponto de vista ele não se aportuguesou em *toto*, simplesmente porque se abrazeou no jogo sincrético e mestiço do XVIII no Novo Mundo, ou ainda, ele se aportuguesou para melhor se abrazeou, o que é bem complexo porque traz uma série de complicações para o mundo americano amazônico. Um exemplo é a leitura freyreana de Tocantins, que como uma inteligência de sua época é interessante, mas tem problemas quando se pensa o luso-tropicalismo. O homem situado ecologicamente não é tropical por excelência: na América boreal

é equatorial nas suas potências (a ideia de Amazônia tropical melhora, mas não resolve); na austral é subtropical, quase patagônica. Trata-se de formas outras de experimentar a tropicalidade. Isto desdobra-se na presença significativa de heterogeneidades culturais num universo de tensões e recorrências imagéticas ligadas a paisagens muito distintas, que fornecem enorme diversidade aos coletivos, mesmo diante de certas homogeneidades geopolíticas.

Enfim, Landi não retorna à Europa porque aqui encontrou o seu lugar de pertença, pois construiu para si um *locus* de presença numa zona de contato heteróclita – basta ver a dança das imagens que evoca, movimenta, transcultura criativamente com parcimônia – que dura no tempo. A sua figura se adensa nas memórias do lugar, nas suas obras, ainda que, por vezes, o vejam mais pelo olhar do lugar da memória, por isso de um patrimonialismo. As obras de Landi estão para além do afã da monumentalidade, do centro histórico, porque se entranham na vida vivida, nas tessituras dos lugares praticados *da* e *na* cidade. Elas constituem a aura das paisagens porque estão imersas nas «formas sensíveis da vida social» (SANSOT, 1979), e não apenas pela sua materialidade. Preservá-las é manter as imagens de Landi durando, ou melhor, circulando no espaço-tempo da Amazônia. Bem, com isso quero dizer que a vida de Landi é uma obra de arte: ela cabe e transborda na sua arquitetura e reverbera como aura nas paisagens memoriais cidadinas belenenses.

Ora, quando Landi abandona o reconhecimento bolonhês pelo pombalino instaura não apenas um devir aventureiro, mas acima de tudo um devir aventuroso, nos termos de Sérgio Buarque de Holanda (1995). Ele não vem ao Novo Mundo apenas para passear, pois se lança com força «às chances do mundo», joga com o presente e negocia com o futuro incerto mas promissor, pois de alguma forma vindo já ambiciona ficar e construir sua marca como pessoa no mundo que manterá o seu gênio durando no tempo, sua inscrição nas paisagens paraenses.

Nestes termos ele é sagaz. Se o forte do Presépio é um *axis mundi*, ou ainda, diz respeito à gênese do mundo urbano no processo civilizatório (à Darcy Ribeiro) pela via da conquista e do aniquilamento do *Outro*, Landi no XVIII auxilia a reconfigurar a cidade pela sua perspectiva e produz um novo momento no processo civilizador (à Norbert Elias) na colônia a partir da constituição/legitimação de suas hierarquias. Desse modo, figura como um desdobramento importante do mundo barroco americano, como expressão formal de seu devir nas paisagens amazônicas, enfim, sua fulguração memorial de enorme impacto ético-estético para o mundo urbano contemporâneo de Belém em pleno século XXI, que experimentamos como fruição paisageira no contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AIROZA, L. O. **Cidade das Mangueiras**: aclimação da mangueira e arborização dos logradouros belenenses (1616-1911). Belém: Ed. Amazônia, 2010.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.

_____. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988b.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BENJAMIN, W. **Imaginación y sociedade – Iluminaciones I**. Madrid: Taurus Ediciones, 1980.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, R. de. **A História Natural em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Ministério da Educação, 1987.

CASSIRER, E. **A filosofia do Iluminismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. V. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COELHO, G. M. Natureza, Iluminismo e iluministas na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos**, Belém, n. 3, v.1, p. 65-92, 2008.

CORBIN, A. **L'homme dans le paysage**. Paris: Ed. Textuel, 2001.

_____. **O território do vazio**. A Praia e o Imaginário Ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DAMATTA, R. **A casa e a rua** - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUMONT, L. **O Individualismo**. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

_____. **Science de l'Homme et Tradition**. Paris: Berg International, 1979.

ECHEVERRÍA, B. **La modernidad de lo barroco**. México: Ediciones Era, 2000.

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. v. 2

GEERTZ, C. Estar lá, escrever aqui. **Diálogo**, São Paulo, v. 22. n. 3, p. 59-64, 1989.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JANKELEVITCH, V. **La aventura, el aburrimiento, lo serio**. Madrid: Taurus, 1989.

KETTLE, W. **Um súdito capaz no vale amazônico (ou Landi, esse desconhecido): um outro significado da descrição das plantas e animais do Grão-Pará**. 2010. 171f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

KNELLWOLK, C. The exotic frontier of the imperial imagination. In: KNELLWOLK, C.; MCCALMAN, I. (Ed.). **Eighteenth-century life**. Exoticism and the culture of exploration. The College of William & Mary; Duke University Press, 2002. p. 10-30.

KURY, L. **Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)**. Paris: L'Harmattan, 2001.

LEZAMA LIMA, J. **A expressão americana**. São Paulo: Brasiliense 1988.

_____. **El reino de la imagen**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1981.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

MARTINS, L. de L. **O Rio de Janeiro dos Viajantes**. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974. v. 1 e 2.

NASSAR, F. A. S. Mobilidade, artistas, artífices no espaço amazônico. A saga de Landi. In: COLOQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTORIA DA ARTE, 7. Porto-Portugal, 2005, **Anais...** 2005. p. 165-172.

NUNES, B.; FIGUEIREDO, A. M. de. Luzes e sombras do Iluminismo paraense. In: BEZERRA NETO, J. M.; GUZMÁN, D. de A. (Org.). **Terra matura**. Historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 19-37.

OLIVEIRA, D. S. de C. Ilusionismos bolonheses no Grão-Pará setecentista. In: CHAMBOULEYRON, R.; SOUZA JÚNIOR, J. A. (Org.). **Novos olhares sobre a Amazônia Colonial**. Belém: Paka-Tatu, 2016. p. 301-324.

OLIVEIRA FILHO, J. P. de. Elementos para uma Sociologia dos Viajantes. In: OLIVEIRA FILHO, J. de. (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 1987.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991.

PAPAVERO, N. et al. **Landi**: fauna e flora da Amazônia brasileira. Belém: MPEG, 2002.

PENTEADO, A. R. Belém do Pará, das origens aos fins do século XVIII. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 3, p. 34-44, 1968.

PERLONGHER, N. **Prosa plebeya**. Ensayos 1980-1992. Buenos Aires: Colihue, 1997.

PRATT, M. L. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. São Paulo: EDUSC, 1999.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, A. L. C. da. **Le Santuaire de désordre**: l'art de savoir vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques. Paris V, Sorbonne, 1994.

ROCHA, A. L. C. **Etnografia da duração**. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

ROCHA, A. L. C. da. ; ECKERT, C. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2005.

RODRIGUES, A. M. (Coord.). **Amazônia Felsínea**: António José Landi: itinerario artistico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazônia do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SANSOT, P. **Variations paysagères**. Paris: Klincksieck, 1983.

_____. **Les formes sensibles de la vie sociale.** Paris: PUF, 1979.

SARDUY, S. **Barroco.** Lisboa: Veja, 1988.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SILVEIRA, F. L. A. da. O barroco gauchesco-missioneiro: reflexões a partir da memória coletiva dos contadores de causos e das paisagens fantásticas missioneiras. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 137-57, 2011.

_____. As paisagens missioneiras gaúchas nos relatos de viagem, ou por uma etnografia do olhar-viajante nas Missões. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 11, n. 26, p. 1-26, 2010.

_____. **As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens.** Estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. **Pelas trilhas da Ilha de Santa Catarina:** ecoturismo e aventura. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PPGAS, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

SIMMEL, G. **Philosophie de la modernité.** Paris: Éditions Payot, 1989.

_____. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. de (Org.). **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

_____. O ser e o devir. In: **Problemas fundamentais de Filosofia.** Coimbra: Atlântida, 1970. p. 39-78.

SMITH, R. C. El Palacio de los Gobernadores de Gran-Para. **Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas.** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1951, p. 9-38.

TAUSSIG, M. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem.** Um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TOCANTINS, L. Landi – um italiano luso-tropicalizado. **Revista Brasileira de Cultura**, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, v.1, n.1, p.13-27, 1969.

TRINDADE, E. M. A. **O desenhador de Belém:** Antônio José Landi e o movimento das imagens na Amazônia Colonial (1753-1791). 2017 408f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará Belém, 2017.

URRY, J. The tourist gaze and the “environment”. **Theory, Culture & Society**, n. 9, p.1-26, 1992.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

WAGNER, H. (Org.) **Fenomenologia e relações sociais**. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WÖLFFLIN, H. **Renascença e Barroco**. Estudo sobre a essência do estilo Barroco e a sua origem na Itália. São Paulo: Perspectiva, 1989.

Texto submetido à Revista em 10.11.2017
Aceito para publicação em 20.05.2018